

SEU MARIANO: UMA HOMENAGEM A UM LUTADOR DE GURUTUBA

COLEÇÃO

NORTE

DE MINAS



GARTILHA 7



© 2016, Universidade Federal de Viçosa e
Programa de Extensão Universitária - MEC/SESu

Elaboração
LIS SOARES PEREIRA
GUSTAVO TABOADA SOLDATI
REINALDO DUQUE BRASIL LANDULFO TEIXEIRA
CARLOS ERNESTO G. R. SCHAEFER
FRANCE MARIA GONTIJO COELHO

Projeto gráfico e diagramação: Carlos Joaquim Einloft
Impressão: Gráfica Universitária/UFV. Tiragem: 100 exemplares

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Referência e
Atendimento ao Público da Biblioteca Central da UFV

C327 Cartilha 7 : Seu Mariano : uma homenagem a um lutador de 2016 Gurutuba
2016 / Elaboração Lis Soares Pereira... [et al.]. Viçosa, MG : Universidade Federal de
Viçosa; MEC/SESu, 2016. (Coleção Norte de Minas)
19 p. : il.

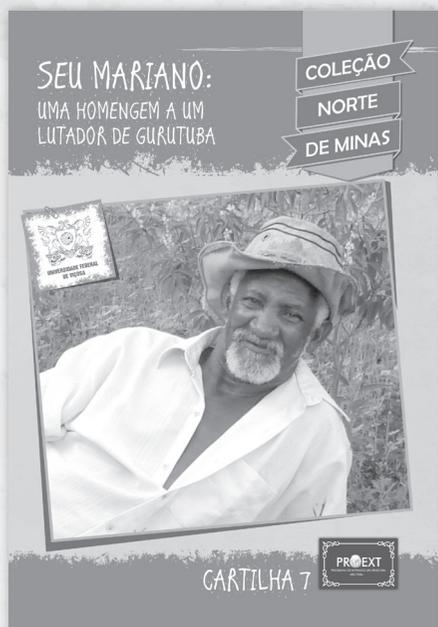
Projeto Etnobotânica e soberania alimentar no norte de Minas Gerais: resgate de plantas alimentícias tradicionais entre gerazeiros, caatingueiros, vazanteiros e quilombolas.

1. Liderança. 2. Quilombolas. 3. História oral. 4. Memória. I. Pereira, Lis Soares. II. Universidade Federal de Viçosa. PróReitoria de Extensão e Cultura. III. Brasil. Ministério da Educação e Cultura. IV. Brasil. Secretaria de Ensino Superior. V. Norte de Minas. VI. Título.

CDD 22. ed. 658

CONTEÚDO

Apresentação.....	5
Uma entrevista histórica.....	07
A entrevista.....	08



Segura que esse ponto é firme
Segura que ele vai embora
Segura que esse ponto é firme
Segura que ele vai embora

Adeus, adeus
Preto velho já vai embora
Filho porque chora?
Se ele vai e torna a voltar

(Ponto de Umbanda)

Adeus, adeus
Preto velho já vai embora
Filho porque chora?
Se ele vai e torna a voltar...

SABER VIVER - Cora Coralina

Não sei... Se a vida é curta
Ou longa demais pra nós,
Mas sei que nada do que vivemos
Tem sentido, se não tocamos o coração
das pessoas.
Muitas vezes basta ser:
Colo que acolhe,
Braço que envolve,
Palavra que conforta,
Silêncio que respeita,
Alegria que contagia,
Lágrima que corre,
Olhar que acaricia,
Desejo que sacia,
Amor que promove,
E isso não é coisa de outro mundo,
É o que dá sentido à vida.
É o que faz com que ela
Não seja nem curta,
Nem longa demais,
Mas que seja intensa,
Verdadeira, pura...
Enquanto durar...



Agradecemos ao Sr. Porfírio Antunes Barbosa (*in memoriam*) e sua família que conhecemos na casa do Sr. Mariano Matos da Silva (*in memoriam*). Eles foram os primeiros a nos receber. Com eles aprendemos muito! A dedicação do Seu Porfírio à terra, aos cultivos e à luta nos inspiraram e nos inspiram ainda hoje. Deixamos aqui suas palavras: "A terra é pouca. Não dá para viver bem, não é suficiente". Que essas palavras motivem mais e mais pessoas a lutarem por uma vida digna e justa.

APRESENTAÇÃO

Esta cartilha surgiu como um dos resultados de um projeto de pesquisa iniciado em 2010 e financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e registrado na UFV com o nome ETNOBOTÂNICA E SOBERANIA ALIMENTAR NO NORTE DE MINAS GERAIS: RESGATE DE PLANTAS ALIMENTÍCIAS TRADICIONAIS ENTRE GERAIZEIROS, CAATINGUEIROS, VAZANTEIROS E QUILOMBOLAS. Aquele projeto visava realizar o registro dos conhecimentos tradicionais associados ao uso de plantas alimentícias. Essas plantas são obtidas tanto por atividades de cultivo e manejo desses grupos tradicionais quanto por práticas extrativistas realizadas em terras dos cerrados, caatingas e matas secas da região norte mineira. A partir daquela pesquisa, em 2015, por meio de um projeto de Extensão Universitária, intitulado POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA, SABERES E PRÁTICAS, financiado com recursos do PROEXT, teve início a produção de cartilhas e catálogos para a divulgação e valorização das

histórias e dos conhecimentos locais que foram sistematizados com a pesquisa.

Além disso, a Coleção Norte de Minas surge como realização de um compromisso ético de devolução dos resultados às comunidades que foram parceiras nos levantamentos de dados em campo. Acreditamos que as cartilhas e catálogos podem ser instrumento de múltiplas aprendizagens. Os conhecimentos aqui apresentados são parte dos costumes do povo do lugar. Contudo, esperamos que os grupos tradicionais possam divulgar, para todos que queiram ler as cartilhas, o sentido das lutas, de forma que conquistem o reconhecimento social de sua identidade, de seus saberes e de seus direitos. Nossa pretensão é contribuir com a multiplicação deste rico conhecimento, de forma que outras pessoas possam conhecer um pouco mais da história, das características e dos costumes alimentares, de manejo de ambientes e das plantas que as

comunidades coletam, produzem e fazem uso e que, por isso, conhecem tão bem.

Nesta cartilha queremos deixar registrado um dos momentos memoráveis da pesquisa de campo em Malhada Grande. Trata-se de um diálogo que adquire significado importante em razão dele ter antecedido um acidente que resultou na morte de nove pessoas, dentre eles Seu Mariano, Seu Porfirio e o motorista da prefeitura que dirigia o veículo, além de deixar onze feridos. Seu Mariano foi uma liderança importante na luta pela terra desta comunidade quilombola.

A Festa de Agosto de Montes Claros representa momento de muitos encontros. Naquele ano de 2011, em especial, os povos e comunidades tradicionais do Norte de Minas integraram as programações do evento. Na tarde de sábado, do dia vinte de agosto daquele ano, depois de uma manhã de debates sobre Povos e Comunidades Tradicionais, alguns quilombolas de Gurutuba eram esperados para uma apresentação no Solar dos Sertões na cidade de Montes Claros, quando eles viriam encantar a todos, com sua

força e o ritmo do batuque. Porém, a triste notícia do acidente com o veículo que transportava o grupo veio frustrar a alegria do encontro e entristeceu a todos.

Mais do que um grupo de cultura popular, como veiculado pelos meios de comunicação da época, os Gurutubanos que se deslocavam para Montes Claros eram lideranças importantes para os processos de auto-afirmação étnica e luta por direitos, além do que eram pessoas muito queridas. Eles traziam em si contagiante coragem em defesa da luta por justiça, para si e para as outras comunidades tradicionais, com as quais compartilhavam sonhos, experiências e desenvolviam ações e agendas coletivas.

Desde a Constituição de 1988, o Estado brasileiro reconhece a dívida histórica para com as comunidades negras em função da violência e da expropriação a que foram submetidas desde o período colonial. A responsabilidade da sociedade brasileira tem exigido a regularização dos territórios pertencentes às chamadas comunidades remanescentes de quilombos. Especificamente em Minas

Gerais, até o momento em que era realizada a pesquisa, nenhum território tinha sido demarcado. No caso do Quilombo Gurutuba, o Relatório Antropológico e a proposta de delimitação do território já haviam sido finalizados, mas ainda não tinham recebido o reconhecimento. No entanto, na época da pesquisa, o cadastro das famílias, sob responsabilidade do INCRA, se arrastava há mais de três anos. Havia lentidão no processo, o que impedia que as famílias tivessem garantidas condições de autonomia e liberdade para viverem segundo suas tradições e costumes.

Este contexto gerou a luta que continua nos dias atuais. Infelizmente muitos que morreram naquele trágico acidente participavam dessa luta. Além do direito à terra, fazia parte de suas reivindicações o direito à manutenção de sua identidade pela arte, cultura e forma de trabalho, de organização e de articulação política. Foi nesse contexto que Seu Mariano nos brindou com seus conhecimentos, histórias e lições de perseverança por uma vida melhor, com mais justiça e equidade. Fica aqui nosso reconhecimento a este legado de organização social e cultural às famílias Gurutubanas.

UMA ENTREVISTA HISTÓRICA

A entrevista transcrita a seguir foi gentilmente cedida pelo Senhor Mariano Matos da Silva, em dezembro de 2010, durante o 5º Encontro de Agrobiodiversidade. Ao povo Gurutubano, nosso eterno carinho.

Equipe do Projeto Etnobotânica e Soberania Alimentar.



A ENTREVISTA

GUSTAVO: Eu, Gustavo, Reinaldo e Seu Mariano, estamos aqui no 5º Encontro de Agrobiodiversidade. Hoje é 2 de dezembro de 2010 e com a autorização do Seu Mariano, a gente vai gravar essa conversa.

SEU MARIANO: *Eu sou Mariano, vice-presidente da Associação Quilombola do Gurutuba e Presidente do CMDRS [Conselho de Desenvolvimento Rural Sustentável] de Catuti. A gente tem o privilégio de administrar a associação quilombola com amizade em todos, porque lá não tem ninguém melhor do que ninguém. Não é que eu sou vice-presidente, presidente, que qualquer um membro tem a mesma igualdade que nós e que cabe a todas associações quilombolas o mesmo cumprimento. Nós precisamos de unir o mais, mas num é só com a associação quilombola, com um órgão ambiental, federal e alguém mais de outros órgãos, porque o sofrimento é muito, muito. Às vezes, eu escutei ... falando ali dentro, agora a*

pouco, que nós ganhamo o, o..., como se fala, o direito da semente crioula. Nós ganhamo o direito a semente crioula. Mas... nós vamos plantar essa semente crioula aonde? Porque nós não temo terreno para plantar ela! O território não tá liberado. Nós vamos guardar essa semente crioula. Isso é tempo, antepassado da família, mas que eles levaram de nós, o antepassado nosso pra eles. Eles não deu o direito de... e nós tem esse direito? Porque prá ter o direito, você tem que ter um consumo dela. Onde planta dela? Não é só guardar dentro de casa não. Se plantar a semente e guardá, se não plantar ela, a tendência dela é acabar. Aí, se vai plantar no terreno de um, hoje, ele tem de dá a terra pra plantar, amanhã não te dá, se tem que deixar ela guardada... aí agora, sê vai fazer o que com ela? Tem que cabar. Então é isso que nós queremos, nós queremos, única coisa do... a solução de Minas Gerais é território. Num é migalha de cesta básica não! Eu tô falan-

do isso, e que Dilma se cuida, que Dilma se cuida, porque Lula prometeu, prometeu e não fez, mas ele conquistou o povo. E com esta conquista que Lula fez, ela num vai conquistar mais ninguém não. O povo votou nela por causa de Lula e que ela trabalha, que ela deixa isso, limpo, em prato limpo pro céu vê. Por o INCRA pra trabalhá, porque o INCRA só tem filho de papai, é filho de latifundiário. Têm uns que chega aqui e fala com nós, tamo trabaiano, tamo trabaiano, engavetando os projeto lá dentro. Que eu vejo é jornal botando o dinheiro do governo pra trás e diz que não tem dinheiro pra comprar o território. Eu vejo o governo falando que tem dinheiro pra emprestar pra FMI e não tem para comprar o território nosso. Então, nós precisamos é do território, não é de cesta básica, não é de migalha de pão, não. É trabaia! E se não trabalhar, pra não ir debaixo da ponte. Que os que tá indo pra São Paulo, eu tenho um cado em São Paulo. Tenho. Só dentro de São Paulo, eu tenho quatro! E que eu, tem dia que eu não durmo, que meus filho foram criado trabalhando. A se tá trabalhando aonde? O que tem lá, num dá nem

pra mim. E pra meus filhos? Isso é que nós queremos que o governo faz. Somente, isso é normal, porque nós precisamos trabalhar. Mas nós sabe o que é plantar a semente, nós não precisamos de técnica pra plantar semente, porque nós foi criando plantando, nós sabe plantar. Técnico faz é estudar e nós faz é plantar, plantar, que nós sabe plantar. Quando nós faz empréstimo no Banco do Brasil ou no Banco Nordeste pra plantar as custas nossa, sem técnico da EMATER, todo mundo pagava a conta. Quando a EMATER entrou fazendo os projeto, ensinando como é que plantava, todo mundo endividou. Todo mundo endividou. Todo mundo endividou. Tô te falando, porque que endividou? Porque o técnico chegava aqui e falava assim: - Aqui só dá se..., mas você tem que por dez saco de adubo, 10 saco!!!, sem fazer análise da terra. E o dinheiro nosso indo embora. Às vezes, aquele adubo num dava certo pra aquela terra. E o algodão continuava e quando dava um solzinho, as bolinha ficava desse tamanho e secava, secava. Então, nós quando nós plantava, nós plantava. Oiava a terra e falava aqui dá tal coisa. Nós plantava ela

e ela produzia, ela produzia. Se ia no banco, panhava seu dinheiro, às vezes, você nem aplicava nem tudo na roça, mas você comprava, uma em dia aqui, um pontro ali. O dia de pagar a conta você tinha o dinheiro, para pagar. E o técnico não, você tem que por adubo aqui, tem que fazer desse jeito, tem que passar veneno amanhã, tem que fazer num sei o quê amanhã. E o dinheiro só indo e pra pagar num tá nem aí, nem aí. E endividou, a maior parte do Brasil, a maior parte do Brasil. E nós precisamos de fazer isso, e além de nós fazer, explicar, isso que na associação nós faz mais. É alertar o povo para eles prender se defender. Que pra nos defender não é bater, igual muita gente bate aí, testa a testa, com latifundiário, não. Cê tem que prender adular eles, porque se não adular, corre o risco de ser morto amanhã. Porque cê vai no INCRA, nós já fomo no INCRA umas três vezes. Quando nos chegava do INCRA o latifundiário já sabia que nós tava lá dentro. Deve ter alguém de lá de dentro que liga pra eles. Então a gente tem que resguardar muito bem, entendeu? Tem alguma pergunta pra fazer? Pode fazer.

REINALDO: Então, deixa eu te fazer uma pergunta, o senhor nasceu onde, Seu Mariano?

SEU MARIANO: *Nasci naquele lugarzinho que eu moro.*

REINALDO: Lá mesmo?

SEU MARIANO: *Lá mesmo. Malhada Grande. Meu pai nasceu lá, meu avó nasceu lá, a minha vó, veio da Bahia, veio de Monte Alto. Mas meu avó, nasceu e criou lá.*

GUSTAVO: Então, sua família tem muito tempo na terra? né?

SEU MARIANO: *Tem. Eu tenho 67 ano, já nasci lá dentro. Fiquei fora de lá um ano e três meses, que eu fui pra Paulista Nova trabalhar na roça, fui pra roça também trabalhá. Fiquei um ano e três meses lá, cheguei e entrei lá dentro, casei, morei lá dentro, criei meus filhos tudo lá dentro. Nasci e criei lá dentro.*

REINALDO: Então Seu Mariano, nós estamos aqui no Encontro de Agrobiodiversidade que reúne gente do Norte de Minas todo, discutindo sobre este tema. A gente queria saber o quê que é agrobiodiversidade pro Senhor.

SEU MARIANO: *Oh, no meu entender, não sei se eu entendo muito bem. Eles estudano e criando, vamo supor, um banco de produ-*

ção e que a produção deles é isso. A minha produção é trabalhar na roça, entendeu? E a produção deles é o estudo. Eles têm que fazer aquilo. E que cada vez, se eles não fizer aquilo, eles continua baixando e eles querem subir. É igual mesmo, eu vejo muitos advogado, qualquer coisa assim, se eles não trabalhar num vai comer, porque eles num vai na roça. Entendeu? Isso que é meu plano de vista. Num sei se é verdade, se é mentira, eu sei que cada um tem o seu plano, que ele tem de assessorar, porque se não, num compensa ter estudado.

REINALDO: *Aí se o senhor chegar lá na comunidade, lá em Malhada Grande e os meninos perguntar: "Ah Seu Mariano, sô foi lá pro encontro de agrobiodiversidade, que que é agrobiodiversidade, explica pra nós?"*

SEU MARIANO: *Sim, aí eu vou explicar conforme eu entendi, o que eu ouvi falar. Eu não notei uma palavra ali, não notei, eu levo na memória. Passo o que serve pra mim, que eu só passo as palavras que serve pra mim, que eu vou passar pra meu povo. Se não serve pra mim, não serve, porque é meu também, então, nem serve pra ninguém. Então, eu vou passar as pa-*

lavras diretamente e é isso que eu ensino na associação quilombola. E nós tem um compromisso que, da hora que chegar lá, reunir com a associação quilombola e passar de frente a frente, com todo mundo, esse que é o meu direito. Eu e todos eles que trabalha lá dentro.

GUSTAVO: *E o que o senhor faria em uma reunião pra eles hoje? E a agrobiodiversidade de lá?*

SEU MARIANO: *Ah, bom, bom, explicou bem. Ela [a moça que apresentou o tema no 5º Encontro] fez o ponta pé, ela fez o papel que ela inverteu de fazer, ela veio fazer e fez e a gente gostou muito. Agora, nós não podemos é seguir tudo, porque nós não tem a competência de fazer do jeito que eles querem, entendeu? A competência nossa pra fazer aquilo é pouca. Porque igual eles falou: plantar e guardar a semente crioula. Nós tem muita semente crioula no norte de Minas, no Brasil, aonde nós mora, nós temo. Mas, como que nos vamos guardar ela por séculos da vida? Porque nós não tem onde aplicá ela, nós num tem onde plantá ela! Se guardar lá, o bicho vai comer ela, entendeu? Porque tem que ser consumida, de qualquer maneira, já que não pode vender. Mas se ocê*

num tem onde plantá! Você tem que vender, você tem que adoá, fazer qualquer coisa, você tem que fazer. Que guardado num ganha nada. Que carro parado não tem freta, entendeu? Eu, agora mesmo, eu fiz uma roça, plantei uma base de uns ... dois saco e meio de arroz . Num sei se vinga, Deus é quem sabe, plantei e tá tudo nascido.

GUSTAVO: Arroz seco ou arroz molhado?

SEU MARIANO: Arroz seco, molhado é na chuva, né.

GUSTAVO: Mas ele num é inundado não, né?

SEU MARIANO: *Dá, se Deus quiser vai vingar, meu plano é que ele vinga e se ele vingá é prá ... mas meu plano não é bem esse. Meu plano é já aonde eu já plantei o arroz, eu já plantei o capim, porque se eu ficar lá, naquele pedacinho de terra arranhando, plantando pra dá de comer ao latifundiário, eu vou continuar morrendo sem ter nada. No dia que eu morrer eles vai vender um quilo de arroz pra me enterrar? Não. Eu tenho que por uma luvinha lá dentro, pro dia que eu morrer, eu ter do que viver. Latifundiário veve é do gado, eu tenho que por ao menos um gado lá dentro pra eu viver, entendeu?*

REINALDO: E porque que o senhor veio participar deste Encontro? O que o senhor espera deste Encontro? Você já participou de outro encontro de agrobiodiversidade? Já? Conta pra nós um pouco.

SEU MARIANO: *Já. Já participei em Montes Claros, várias vezes, entendeu? Da ASA [Articulação do Semi-Árido], de várias órgão. Porque o que eu mais gosto é de reunião. Porque reunião é o seguinte: você pode num arrumar nada, mas você leva alguma coisa de objetivo. Ao menos de aprendizagem você leva, né? E que a gente hoje não vêve só, você tem que aviver, vivendo e morrer aprendendo. Enquanto num morre, você tá aprendendo. Cada tanto que se apanha aí, sempre leva na cabeça. Se aprende uma coisa mais, uma palavra que se aprende aí, seguir um passo a frente. É isso que nós têm que fazer, seguir um passo a frente.*

REINALDO: A gente queria saber um pouco da sua história, como o senhor descobriu esse movimento de agrobiodiversidade? Como o senhor descobriu o CAA [Centro de Tecnologia Alternativa do Norte de Minas]? Como que o senhor veio pra esse movimento da agroecologia, da luta pela terra?

SEU MARIANO: *Sim, eu vim muito fácil, muito facim. Porque toda vida eu fui bem reconhecido na região. Aí eu fui, fui mais, descobrimo pelo antropólogo, que nós era negro escravo. Que era, vamo supor, é, sim, vamos supor, o território lá mesmo, do quilombo, era escravo, quilombola. Aí, assim que o antropólogo falou, fez as combinação, que falou pra nós. Aí nós começamo a organizar com vários órgão, com sindicato [de trabalhadores], com CA [CAA], com várias órgão que nós temo... nós temo! Nós já passô até 25 órgão unido com nós. Aí a gente começou encostando, fazendo reunião, aí, eu fui pra um acampamento. No acampamento, é que eu falei do... , lá na Primavera, foi lá que a polícia me panhô e levou em cana. Eu fiquei lá, num cheguei a ficar fechado nem... mas tive que ficar detido lá, quase uma noite. Aí, o advogado foi lá, sortou lá, esse Marcão mais André, e aí, chegou a Pastoral da Terra, o CA [CAA], o sindicato de Porteirinha, chegou tudo junto, e a gente saiu. Ai, nós num entramo mais. Mas aí nós começemo a articular. Articular e reunião, e ir pro INCRA, ir pra Brasília, nós já fomo no INCRA de Brasília. Fui na marcha dos sem-*

terra em Brasília do MST [Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra]. Uma época, eu fui a pé de Goiânia a Brasília. Então a gente começou chegando nas reunião e eu gosto muito de reunião, quando fala que tem uma reunião, minha vontade é ir logo. Vê lá. Já fiquei dois, três dias em reunião, lá no CA [CAA], aí eu passei a filiar no CA [CAA], eu sou sócio do CA [CAA]. Hoje, eu passei a coordenar as associações comunitárias.

REINALDO: *E tem quantos anos que isto aconteceu? Quanto tempo pra cá?*

SEU MARIANO: *Ah, isso deve ter uma faixa de uns oito anos, oito anos mais ou menos.*

GUSTAVO: *Oh Seu Mariano deixa eu fazer uma pergunta pro senhor. Hoje, igual você colocou no começo da conversa, vocês estão lutando pelo território. Antes deste antropólogo chegar lá, esses órgãos, chegar lá e falar pro senhor. "Vocês são quilombolas, vocês tem direito a terra", vocês já lutavam, já tinham essa luta pela terra antes?*

SEU MARIANO: *Não. Nós não tinha a luta pela terra, nós é, nós tinha o território. O território era nosso, só que a pouco tempo ele foi de*

assim tomado, entendeu?

GUSTAVO: Por quem?

SEU MARIANO: *Pelos latifundiário. Inclusive tem um fazendo por nome, era chefe de tabelião de cartório, Moacir Sousa e Silva, que foi que vendeu os território quase tudo. E ele era...*

GUSTAVO: Isso debaixo dos panos?

SEU MARIANO: *Debaixo dos baixo dos pano, sim. Uma pessoa, que antigamente o povo não tinha leitura. Aí chegava lá e aprontava com o cara e falava, olha eu tô precisando abrir uma estrada aqui, quero que o senhor me autoriza, me dá o documento seu. O cara dava o documento, ele falava com o cara assim, bate o dedo aqui porque pra abrir essa estrada tem que bater o dedo aqui. O cara batia o dedo e no outro dia ele lançava a escritura. Falaram que o cara tinha vendido pra ele. E aí.*

GUSTAVO: Roubavam mesmo.

SEU MARIANO: Roubava.

REINALDO: Isso é roubo!

SEU MARIANO: *Roubo e num é só ele não, tem mais. Tem um senhor Cido, Cido, morreu também lá. Ele foi um grilheiro também na região, que grillhou essa Salina aí, o Gurutuba. Às vezes, ele comprava uma data de terra aqui e bragia o*

mundo, lançava um documentação pro mundo inteiro. Que o povo, antigamente, não existia documento, entendeu? Esse órgão morava ali e aquele território, ia lá e marcava, este daqui é meu, o outro daqui é meu. Era aquele ditado: cê tá trabalhando ali dentro, aí descobriu e lançava um documento. Quem tinha documento, eles comprava alguma área, um hectare e tomava o restante dos outros e foi acontecido isso. Aí é que a gente também foi, foi encolhendo. Eu conheço um lugar aí que tem na faixa de umas quatro pessoas dentro de uma meio hectare de terra. Encolhendo. Que antigamente ele num entrava lá, porque, naquela época que o povo correu para beira rio, a malária atacava demais, aí dava aquela febre braba, febre de macaco, aquela outra febre amarela e atingia e não entrava. Quando o governo criou aquele órgão da malária, combater a malária, aí combateu a malária e eles começou encostando. Aí eles foram empurrando, empurrando o povo, empurrando e a família foi ficando borocotozinho.

GUSTAVO: Sitiada, né?

SEU MARIANO: *É sitiada. E continua sitiada ainda, cercada. Porque*

antigamente quem era cercada era só a roça, o gado era solto. Hoje quem é solto é a roça, e o gado é fechado, entendeu? É porque esse pedacinho de terra não compensa nem fazer cerca pra fazer roça.

REINALDO: Então hoje se te perguntar se o senhor é quilombola?

SEU MARIANO: *Eu sô quilombola e tenho orgulho de ser.*

REINALDO: E antes do antropólogo, então, vocês antes assumiam essa identidade?

SEU MARIANO: *Não, não, assumia que era negro.*

REINALDO: Não, mas e o nome quilombola?

SEU MARIANO: *Quilombola não existia, não sabia, não sabia.*

GUSTAVO: Mas, antes do antropólogo, vocês olhavam pros seus vizinhos e falavam: “nós somos” ...?

SEU MARIANO: *Nós sono negro. Antigamente conhecia que era negro, negro. Nós não sabia nem quê que era quilombola, se era que avinha refugiado de senhor de engenho, que era escravo, não sabia não. Num foi criado quilombola.*

Depois do antropólogo que vem as lei que manda. Falava que era filho de escravo, filho de negro, filho, veio de corrido, fulano veio num sei da onde... Agora você pode ver que

a família toda é parente. Quando você vê que num é parente, é vindo de fora, num é du lugar, é não.

GUSTAVO: E na região, seu Mariano? Na região lá onde tinha seu território, tinha um pessoal próximo de vocês que não eram negros?

Tinha um pessoal assim?

SEU MARIANO: *Tinha não.*

GUSTAVO: A região toda era negra?

SEU MARIANO: *Toda, toda. A região toda era negra, toda era negra. Agora que tem, não tinha, tudo era negro.*

REINALDO: Vieram tudo depois.

SEU MARIANO: *Foi depois.*

REINALDO: E você acredita que a agrobiodiversidade, que a gente tava discutindo aqui, é que contribuiu para construção desta identidade de quilombola?

SEU MARIANO: *Oh, eu acredito porque tem vários órgão que contribuiu, né? A gente não tem certeza, mas acredita.*

REINALDO: Mas porquê? Como que o senhor acha que contribuiu?

SEU MARIANO: *Contribuiu porque só de ela tá vindo fazer os espaços, fazer as pergunta, explicando algumas coisas de bom é, com certeza, a boa vontade. Isso era de contribuir, se não contribuiu, mas teve*

boa vontade, era de contribuir.

GUSTAVO: Deixa eu te fazer uma pergunta Seu Mariano. O senhor comentou que tem várias sementes crioulas lá, plantam várias coisas, essa prática de plantar várias sementes crioulas, uma diversidade muito grande de espécies, cê acha que também é uma característica dos quilombolas?

SEU MARIANO: É.

GUSTAVO: Sem plantar essas sementes vocês acham que vocês seriam quilombolas, ou não?

SEU MARIANO: Não.

GUSTAVO: Para ser quilombola também precisa ter essa preocupação com a terra, essa preocupação com o milho crioulo.

SEU MARIANO: Sim, tem, tem que ter preocupação com a semente, porque se você perder... é igual eu tá aqui e subi em cima dessa casa. Se eu tirar o pé do chão é fácil de cair, é fácil de cair, você tem que tá com o pé no chão. Então, nós tem que tá com o pé em cima do direito nosso. E o direito nosso, é preservar o antepassado, que era de avô, de avó, de pessoas que já foram, entendeu? Que quem somos nós se eles não tivessem deixado nós em cima dessa terra, né?

GUSTAVO: E preservar essas semen-

tes é preservar os antepassados?

SEU MARIANO: Preservar os antepassados, um....

REINALDO: E Seu Mariano, você conhece, já escutou o termo Segurança Alimentar?

SEU MARIANO: Já escutei.

REINALDO: E o que o senhor entende por segurança alimentar?

SEU MARIANO: Segurança alimentar que eu entendo serei, vários órgão que tem aí, que eu já vi falar, agora mesmo saiu um bolsa-família, um bolsa-teto, um bolsa-escola, entendeu? Ali tudo é segurança alimentar, porque o menino tando alimentado, ele pode muito bem tá estudado, né? Ele tando com a barriga cheia, ele tem tudo a aprender, não é? Então isso eu acho que é um dos... uns dos órgãos que serve bom. Eu sempre falo, que nem eu falei, que nós não precisamos de migalha, que nós precisamos de trabalhar, mas que esses órgão incentivou muita coisa boa. Incentivou os menino a aprender mais que, antigamente nós, eu mesmo, falá com ocês, que tenho pouca leitura. Porque que eu tenho pouca leitura? Porque tive que trabalhar todo dia, porque se eu não trabalhasse, eu não comia, porque meu

pai não dava conta de fazer isso sozinho pra criar nós. Nós era em quatro, entendeu? Então, aqueles maiorzinho tinha que ir pra roça. Hoje não, hoje o menino não tem direito de ir pra roça, tem que ir pra escola, por isso que ele já ganha pra ir pra escola, entendeu? Então, é argumentar.

REINALDO: E como que o senhor acha que agrobiodiversidade é boa para contribuir com essa segurança alimentar, ou seja, essa prática da gente plantar muitas espécies, ter muita semente, variedade dos antepassados, como que isso ajuda na segurança alimentar?

SEU MARIANO: *Como que ajuda? Ajuda sim, que eu sei que hoje tem depósitos, entendeu? Tem depósitos que já guarda, o governo criou, criou muitos órgão, que nós podemos colher aqui e guarda lá, entendeu? E que ela pode distribuir na época de plantar. Porque às vezes se eu guardar dentro da minha casa, eu não vou ter um, a possibilidade de manter ela lá. Ela pode furar e eu vou ter que por veneno nela, entendeu? Vou ter que por veneno nela, que ela antigamente não era com veneno. Nós guardamo antigamente era*

na areia, feijão era na areia, milho era na areia, entendeu? Hoje nem areia prá por nessas coisas você num acha mais, entendeu? É, então, eu acho que, tudo ajuda, é obvio que ajuda, porque ter aonde guarda, já é um ponto seguro.

GUSTAVO: Legal. Deixa eu fazer outra pergunta pro senhor. Como é que tá o processo da luta, a história lá, vocês já conseguiram a terra?

SEU MARIANO: *Não, não.*

GUSTAVO: Tá em qual momento? Eu não sei se a lei dá direito, mas para conseguir essa terra hoje, precisa de um laudo, um laudo antropológico?

SEU MARIANO: *Nós temo.*

GUSTAVO: Já tem o laudo antropológico.

REINALDO: Mas tá arquivado, né?

SEU MARIANO: *Tá, não acho que tá em maio.*

REINALDO: É?

SEU MARIANO: É.

REINALDO: Então tá no processo?

SEU MARIANO: *Tá no processo.*

GUSTAVO: É só o cara lá querer?

SEU MARIANO: *É só o INCRA querer te dá integrado, porque isso tá pegado pelo INCRA.*

GUSTAVO: E o senhor sabe mais ou menos a área que vocês estão reivindicando?

SEU MARIANO: *Sei, ela é de quarenta e seis mil hectar.*

GUSTAVO: Isso envolve mais de um município, né?

SEU MARIANO: *Não, é, igual te falei, ela é sete município, mas nós tamo tirando um, com ela acho que cabe mais uns dois ou três municípios só, entendeu? Porque o Catuti não entra.*

REINALDO: E quais que entram?

SEU MARIANO: *Entra Pai Pedro, é acho que Janaúba e Jaíba. É acho que é mais esses dois, esses três.*

REINALDO: E vocês de Catuti?

SEU MARIANO: *Nós temo o direito de interessar pela área, entendeu? Entendeu? Nós tá aí pela área.*

GUSTAVO: São quantas famílias, seu Mariano, na região?

SEU MARIANO: *Isso aí num tem como te falar, é... é muita família! É sete município com direito de, acho que é de vinte e tantas comunidade, então, é muita coisa.*

GUSTAVO: E vocês estão bem organizados? Você acha que vocês estão bem organizados?

SEU MARIANO: *Não, num tá, num tá, porque se nós tivesse bem organizado nós já tava com ela em mão. Que nós tinha que ter uma pessoa...*

GUSTAVO: Mais difícil já tem, né,

Seu Mariano?

SEU MARIANO: *É mais difícil, já teve. É igual eu te falei, o INCRA tá precisando, o governo tá precisando de pôr pessoa carento, pôr pra estudar e poder ir naquele INCRA lá. Porque enquanto não for a pessoa que interessa pra classe pequena, por aqueles fazendero que tá lá dentro, o INCRA não sai.*

REINALDO: E os técnicos tão aqui, a gente conhece a luta do povo.

SEU MARIANO: *Porque nós chegamo lá e eles fala que não tem trabalhador, não tem funcionário, do INCRA.*

Como é que um órgão do governo não tem funcionário pra trabaiá? Ram... num tem, contrata! Tem direito, contrata! Né? E hoje, já antigamente já foi difícil, mas hoje, nós tem muita gente cursado na região.

Porque que num põe uma pessoa dessa? O estudado que quer dizer, estudado, porque que num faz um curso uma pessoa dessa e num leva e põe lá dentro? Entendeu? Então é o que eu falei, que Dilma tem que ter cuidado, Dilma, porque se não o bicho pega! Nós num tamo mais naquele joguinho de cintura não, pra passar, só passar a mão, passar a mão... Não! Não tô, ou tudo ou nada, ou libera ou fala que não! Num fica fazendo promessa não!

REINALDO: Enrolar é que não dá, né?

SEU MARIANO: Não.

GUSTAVO: Então beleza, mais alguma pergunta Reinaldo? Você quer falar alguma coisa mais Seu Mariano?

SEU MARIANO: Não, não.

REINALDO: Se o senhor quiser deixar uma mensagem...

SEU MARIANO: A mensagem que eu deixo é que muito obrigado ocês, entendeu? Que a gente tá disposto pra trabaiair qualquer hora que precisá, entendeu? Falar com qualquer pessoa. O que eu falei com você, eu falei dentro do INCRA, bem lá dentro. O cara do

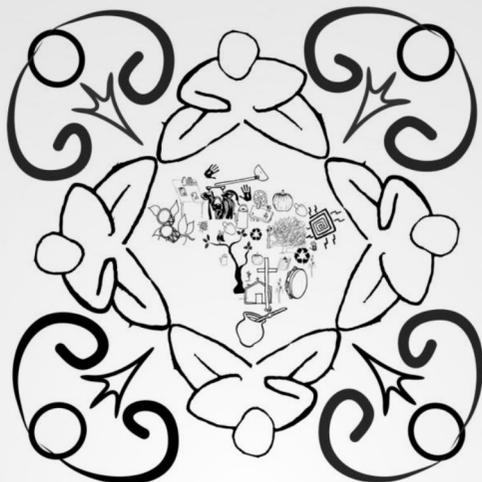
INCRA falou comigo assim: porque que vocês não entra numa fazenda e invade? Eu falei, não. Vai, garanto que não te prende mais. Eu falei, não prende, mas mata. Porque o tanto que eu já vi matando aí. Mata, quantos eu num já vi matando. Ali em Janaúba mesmo, deu uma tirotera nuns lá, tem gente baleado até hoje e continua desse mesmo jeito, do mesmo jeito. Então, a gente partiu pro direito, se nós temo direito, eles dá, se não tem desingana, entendeu?

REINALDO: A gente agradece muito Seu Mariano.



Sr. Mariano (ao centro), sua família e o grupo de pesquisa

PROJETO POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA, SABERES E PRÁTICAS – 2015



PROJETO ETNOBOTÂNICA E SOBERANIA ALIMENTAR NO NORTE DE MINAS
GERAIS: RESGATE DE PLANTAS ALIMENTÍCIAS TRADICIONAIS ENTRE
GERAZEIROS, CAATINGUEIROS, VAZANTEIROS E QUILOMBOLAS

A COLEÇÃO NORTE DE MINAS É FORMADA PELOS SEGUINTE VOLUMES:

- Cartilha 1: Ambientes, história, identidade e plantas alimentares
- Cartilha 2: Quilombolas gurutubanos de Malhada Grande:
sua história, saberes e práticas com plantas alimentares
- Cartilha 3: Vazanteiros do Pau Preto: sua história, saberes e práticas com plantas alimentares
- Cartilha 4: Geraizeiros do Sobrado: sua história, saberes e práticas com plantas alimentares
- Cartilha 5: Caatingueiros do Touro: sua história, saberes e práticas com plantas alimentares
- Cartilha 6: Caderno de receitas de comunidades tradicionais do Norte de Minas Gerais
- Cartilha 7: Seu Mariano: uma homenagem a um lutador de Gurutuba
- Cartilha 8: Catálogo de Registro da Casa de Sementes de Seu Geraldo Gomes,
Touro - Serranópolis de Minas
- Cartilha 9: Catálogo de Registro Etnobotânica das Plantas Alimentares
de quatro comunidades tradicionais do Norte de Minas Gerais